



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8



Signo e significação no primeiro livro impresso em língua portuguesa

JOSÉ BARBOSA MACHADO

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro ~ jleon@utad.pt

Resumo:

O primeiro livro impresso em língua portuguesa é o *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial. Foi publicado na cidade de Chaves em 1488, tendo mais três edições, uma pouco depois, mas ainda no século XV (desconhece-se o local e a data), outra em Lisboa em 1500 e uma quarta em Braga em 1539. Antes da primeira impressão, há notícia de que a obra corria manuscrita no ano de 1474. Redigido entre 1420 e 1423 em língua castelhana, o *Sacramental*, depois dos livros destinados ao ofício religioso, foi o livro mais impresso na Península Ibérica, desde a introdução da imprensa até meados do século XVI. Conhecem-se treze edições em castelhano, uma em catalão e as quatro em português já referidas.

A obra, como o próprio título indica, é um tratado sobre os sacramentos. Para explicar o significado dos rituais que a Igreja fixou para a sua administração, o autor utiliza amiúde as expressões a dar a entender que, a significar, significa que, que significa, à significação de, à lembrança de, etc., que remetem para o âmbito da Semiótica. Para o autor do *Sacramental*, cada acto de Cristo, cada palavra do Evangelho, cada gesto ritual religioso público ou privado, tem uma simbologia própria.

Palavras-chave:

Semiótica, sacramentos, Idade Média, Santo Agostinho, Pedro Lombardo, entender, significar, representar.

1. Introdução

O *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial foi redigido em castelhano entre 1420 e 1423. Correu manuscrito até à década de setenta do século XV, tornando-se, com a introdução da imprensa na Península Ibérica, num dos livros de pastoral mais divulgados e utilizados até meados do século XVI, altura em que entra no *Index* dos livros proibidos. No Inventário de Santa Maria da Ínsua, Caminha, há notícia de um exemplar manuscrito em língua portuguesa com a data de 1474. Foi publicado na cidade de Chaves em 1488, tendo mais três edições, uma pouco depois, mas ainda no século XV (desconhece-se o local e a data), outra em Lisboa em 1500 e uma quarta em Braga em 1539.

A obra está organizada em três partes. Na primeira, apresenta-se um conjunto de explicações minuciosas sobre a fé, o credo, o pai-nosso, a avé-maria, os dez mandamentos, os sete pecados mortais, as virtudes cardeais e as sete obras de misericórdia. Na segunda parte, define-se o que é o sacramento e apresentam-se com pormenor os sacramentos do Baptismo, da Confirmação e do Corpo de Deus ou Eucaristia. Na terceira parte, a mais extensa, são apresentados os sacramentos da

Penitência, da Extrema-unção, da Ordem e do Matrimónio.

A administração dos sacramentos implica um sem número de rituais que são descritos exaustivamente. O autor explicita por um lado quais as palavras a serem pronunciadas, os gestos a executar e os objectos a utilizar na administração de cada sacramento, e por outro o que cada um deles representa ou significa. Para isso, o autor serve-se amiúde de expressões como *a dar a entender*, *a significar*, *significa que*, *que significa*, *à significação de*, *à lembrança de*, etc., que remetem para o âmbito da Semiótica. Cada acto de Cristo, cada palavra do Evangelho tem uma simbologia própria que, ao ser relembada nos rituais dos sacramentos, se actualiza ciclicamente.

2. Verbos e substantivos de ligação entre dois termos

O autor utiliza essencialmente três verbos para introduzir explicações do âmbito semiótico: *entender*, *significar* e *representar*. Essas explicações são constituídas por dois termos ligados por uma expressão verbal que, somados, constituem um signo. Podemos resumir essa construção do seguinte modo: símbolo ritual (ou significante) + verbo ou expressão verbal + evento sagrado (ou significado). O símbolo ritual ora é constituído apenas por palavras, ora por gestos, ora por objectos, ora pela conjugação de uns e outros.

Com o verbo *entender* e o verbo auxiliar *dar* são construídas as expressões *dá a entender* (1)¹, *dá a entender que* (2), *dá-se a entender que* (1); *deu a entender que* (1); *dando-lhes a entender que* (1); *desse a entender que* (1); *pera dar a entender que* (1); e *a dar a entender que* (36). As duas últimas expressões inserem-se em contextos de explicitação da simbologia de alguns dos rituais da missa, de que passamos a transcrever alguns exemplos.

A dar a entender que: «outra vez os saudou e disse: Pax vobis, *a dar a entender que* non soomente deuemos fazer paz na boca, mais na vontade» (p. 189); «Estôçes ofereçe o pouoo, *a dar a entender que* despois que ouermos compridos os mãdamêtos, deuemos ofereçer a nos mesmos» (p. 163); «estabeleço que fose augua mesturada con ho vinho, *a dar a entender que* a saude do pouoo non pode ser sen seer derramado o sangue de Jhesu Christo e por que de seu costado sayo o sangue e augua» (p. 164); «quãdo o saçerdote vem ãte o altar, incrynase, *a dar a entender que* nosso señor Jhesu Christo se eçrinou e abaixou desçêdendo dos çeeos a terra e tomãdo fforma de seruo sendo senhor» (p. 154); «E leesse a destra parte do altar, *a dar a entender que* Jhesu Christo primeiramête veeo aos judeus» (p. 160).

Pera dar a entender que: «Ou se algũa cousa estouer eçima, que se alimpe mais *pera dar a entender que* o sangue e a augue que sayo do costado de Jhesu Christo correo taa terra» (p. 164).

Com o verbo *significar* são construídas as expressões *a significar* (7), *a significar que* (26) e *significa que* (54).

Da primeira e segunda, ou seja, *a significar* e *a significar que*, transcrevemos contextos retirados também da explicitação da simbologia de alguns dos rituais da missa: *A significar* – «E alguñas vezes dizem hũa colecta *a significar* a unidade da ffe ou o sacramêto da vidade» (p. 159); «E dizese primeyro que ho Evangelho, *a significar* ho ofiço que Sam Johã teue antes do evinmêto de Jhesu Christo» (p. 160); «E dizesse tres vezes sanctus, *a significar* a trindade» (p. 168); «E quando diz sanguis, faz outra sobre o calez, *a significar* a beêçom e a compra que foy feyta de nosso senhor e saluador Jhesu Christo» (p. 174). *A significar que* – «E polla mayor parte na hostia põe a feçura e ho nome do nosso saluador Jhesu Christo, *a significar que* por ymagem somos rretornados e rreconçiliados a Deus e pello sseu nome somos escriptos no liuro da vida» (p. 174); «Dizendo te ygitur, incrinase, *a significar que* Sam Pedro sse ynclinou quamdo acatou em no induymento; «E ho

¹ O número entre parêntesis representa a frequência da expressão na obra.

diachono beyja ho hõbro destro ao saçerdote, *a signifificar que* Jhesu Christo leou ha cruz no hombro» (p. 169); «E ho saçerdote põee a patena de baixo dos corporaees ou a aparta da ara, *a signifificar que* ha vontade crara que os apóstolos tinhã fugio e se escondeo delles quamdo foy presso Jhesu Christo» (p. 166); «os acholitos asçenden çyrios e teenos ardendo, *a signifificar que* o corpo de Jhesu Christo he luz verdadeira que alomea has vôtades dos homens» (p. 177).

Da terceira expressão, *significa que*, trascrevemos alguns contextos retirados da explicitação da simbologia de alguns dos rituais do baptismo e da missa: «E ha cruz que faz *significa que*, asi como elle sse offeresçeo aa cruz, asi este sacrificio que se faz ã sua rrenẽbrãça deue seer feyto cõ sinal de cruz» (p. 165); «e a cruz que fazem nos pectos *significa que* he dom do spiritu santo quita ho error e a ygnorançia do coraçõ» (p. 127); «E quando faz a cruz na augua, *significa que* seja santificada pello spiritu santo» (p. 127); «Ha cãdea que lhe põee na mão *significa que* deue estar aparelhado com cãdea e lume de vertudes e de boas obras» (p. 129); «Ho saçerdote, dicta a confissõ, sobese ao altar e beija em meo dele e *significa que* ho nosso seõor e saluador Jhesu Christo, quãdo veeo a nos, desçẽdeo dos çeeos a terra e ajũtou a elle ha madre sancta ygreja» (p. 154).

Num contexto em que se fala do sacramento do Matrimõnio, surgem seguidas as expressões *a signifificar* e *dar a entender*. «E en a ley de Jhesu Christo foy estabeleçido este sacramento *a signifificar* e *dar a entender* o hajuntamẽto de Jhesu Christo e da ygreja» (p. 364).

Em inúmeros contextos, os verbos *significar* e *representar* podem surgir sozinhos no presente do indicativo ligando os dois termos. Assim, com *significa / significam*, temos, por exemplo: «E logo huũ pouco alça a voz e diz: orate ffratres por me. O qual *signifyca* o que Jhesu Christo disse a sseus diçipolos» (p. 166); «E ho anel que da o esposo aa esposa e ho que da a esposa ao esposo *signifycam* que huũ ao outro sse deuẽ amar» (p. 369); «A primeyra parte da hostia da mão deryta *significa* os que estã no parayssõ» (p. 188); «Ha parte que ajuntou com ha da mãao deryta *significa* os que estã em porgatorio» (p. 188); «E a outra parte que mesturou com ho ssangue *signifyca* os que viuem em este mundo» (p. 188). Com *representa* temos: «o diachono ou saçerdote diz alta voz: lte missa est. E *rrepresenta* o que foy dyto haos apóstolos quamdo Jhesu Christo subyo aos çeeos» (p. 191); «E dizeo quãdo dyz ho Evãgelho, por que tem ofiçyo de preegar, e quando benze ho çyrio, por que *rrepresenta* a rresurexçom» (p. 158); «alça huũ pouco ho calez e *rrepresenta* o que Jhesu Christo dise» (p. 179); «alça as maãos e estendeas como permeyramẽte fezera e *rrepresenta* que emsina o pouoo que faça oraçõ con feruor de coraçõ e amor» (pp. 186-187). Há um caso em que surgem o verbo *significar* e o verbo *representar* no mesmo contexto: «ha hostia rredõda *significa* que Deus nem ha começo nen fin e *rrepresenta* o seu corpo» (p. 164).

Os substantivos *significação* e *remanbrança* servem também para construir expressões que introduzem explicações de âmbito semiótico.

O substantivo *significação* serve para construir as expressões *à significação de* (9) e *pola significação de* (1). Transcrevemos os seguintes exemplos: «a augua non se mestura con o vinho de neçesidade do ssacramento (...), mais mesturase *aa significaçõ do* ajuntamẽto do pouoo cõ Jhesu Christo» (p. 195); «E quando dizen sanctus, tangem as campaynhas en algũas ygrejas e he *a significaçom de* quãdo Daudid fazia ssacreçio que tãgia estromemto» (p. 168); «alguũs beijam noue vezes en no altar, *ha significaçom dos* noue coros dos angeos que ssejam em ssua ajuda» (p. 173); «diz rratam sobre ha hostia e sobre o calez, *aa significaçom dos* trinta dinheiros por que Jhesu Christo foy vendido» (p. 174); «Outras vezes dizen tres *a significaçom do* misterio da trindade» (p. 159); «Seguese adiãte que o deue meter na augua e deue meter tres vezes, *a ssygnificaçõ da* santa trindade» (p. 129); «Ha missa se deue çelebrar en a primeira ora do dia *polla significaçõ da* rresurexçom de Jhesu Christo» (p. 146).

O substantivo *remanbrança* serve para construir as expressões *à remanbrança de* (1) e *em*

renembrancha de (2). Em toda a obra surgem apenas três casos: «Outras vezes dizem çinco a rrenembrancha das çinco chagas de Jhesu Christo» (p. 159); «beyja no altar em rrenembrancha da payxam de Jhesu Christo» (p. 169); «E estas tres cruces sse fazem em rrenêbrãça da sancta trindade» (p. 170).

3. Signos sacramentais

O autor do *Sacramental*, demora-se, como já referimos, a explicar os sete sacramentos: Baptismo, Confirmação, Corpo de Deus, Penitência, Extrema-unção, Ordem Clerical e Matrimónio. O facto de serem sete, e não seis ou oito, pode-se explicar, segundo o autor, de cinco maneiras.

Na primeira, os sacramentos são sete, «segũdo sete maneiras de homẽs que som en ella. A primeira he dos que viuem en sua ffe e para estes he bautismo. A segũda he dos que pelegã e para estes he a cõfirmaçõ. A terçeira he dos flacos que se vam esforçãdo e para estes he o corpo de Deus. A quarta he dos que sse aleuãtam e para estes he a penitência. A quinta he dos que moren e para estes he a extrema vnçõ. A sexta dos que administrã e para estes he a ordem clerical. A septima dos que trazem caualeiros novos a ffe e para estes he o matrymonio» (p. 115). Na segunda, «por que foron significados por sete sellos con que estaua sellada a ley velha que vyo Sam Johã, os quaees declarou o cordeiro que tijna a chauce de Daudid que çerra e outro nehuũ nom abre e outro nehuũ nõ çerra» (*Ibidem*). Na terceira, «por que os saclamẽtos forõ sygnificados pellas sete tronpas cõ que os angeos ssoauam» (*Ibidem*). Na quarta, os sete sacramentos «foron sygnificados pellas sete estrelas que tijna en sua destra o que era semelhaul ao filho do homẽ, aos sete pãees de que noso señor fartou a multidõem da gente e aas sete cãdeas que estauam postas sobre o cãdeeyro» (*Ibidem*). Finalmente na quinta, os sacramentos são sete, «por que desponee e ordenam ao homẽ para auer as sete vertudes. Ca ho bautismo he sacramento da ffe, a confirmaçon da esperança, ho corpo de Deus da caridade, ha penitência da justiça, ha extrema vnçon da perseuerança que he complimente de forteleza, ha horden da prudência, ho mandamento da tenperança» (pp. 115-116).

O autor explica depois tudo o que diz respeito a cada um dos sacramentos, referindo os gestos que devem ser feitos, as palavras que devem ser ditas, os objectos utilizados e a sua significação.

Assim, no Baptismo, depois de descrever pormenorizadamente todos os momentos da cerimónia, o autor apresenta, passo a passo, a explicação do seu significado. Por ser demasiado extenso apresentar todas as explicações de todos os passos, transcrevemos apenas algumas:

Bafejar três vezes: «Depois bafeja o saçerdote tres vezes, na qual signyfica que o poderio do diabo seja espelido. E por este santo misterio o spiritu maligno da lugar ao spiritu santo e aqui começa ho exorçismo» (p. 127).

Sal: «Ho sal beento que põee na boca ssignifica os primeiros ãssynamẽtos da ffe e por yso diz na oraçõ que he: ad yrrudimẽta fidey uocare dignatus est. E do sal dito he nos sete dõees do bautismo» (*Ibidem*).

Cruzes no peito: «Has cruces do oleo que fazẽ nos pectos e antre as espadoas e a cruz que fazem nos pectos signfica que he dom do spiritu santo quita ho error e a ygnorança do coraçõ. E a cruz dantre as espadoas sinifica que pella graça do sperito santo tira e lança toda a negligência e preguiça e usa de boas obras» (*Ibidem*).

Bênção da água: «Seguese a bençõ da augua. E quando faz a cruz na augua, signfica que seja santificada pello spiritu santo e que o spiritu maligno seja lançado e expelido» (*Ibidem*).

Vestidura branca: «Ha vestidura branca que lhe põee na cabeça depois da crisma² signfica a ygnoçência e linpeza da piedade, a qual deue gardar depois das mazelas que antes tinha lauadas per

² Aqui refere-se ao óleo que se usa no Baptismo e não ao sacramento da Confirmação.

o bautismo e com ela apresentarse ante Jhesu Christo o dia do juizo. Ca Jhesu Christo aquella uestidura brãca posta na cabeça era sinal de coroa do rregno de Deus, do qual he feito nêbro. E aynda esta uestidura significa a rresurreyçõ da ygreja, a qual he que os corpos que ham de rresuçitar con as almas o dia do juizo. E aynda singnifyca a rresurreiçõ dos que estam em pecado que se leuãtam per penitêçia. E segũdo diz o rraçional, este pano e o que põee na cõfirmaçõ deue omẽ trazer sete dias» (p. 129).

Na Confirmação, ou Crisma, um dos sacramentos mais resumidamente tratados pelo autor, destaca-se a explicação que é apresentada do óleo utilizado, da palmada que o bispo dá ao candidato e do pano que lhe é posto na cabeça.

Óleo: «E ho olio significa a cõtinência e castidade que deuen aver os que rreçeben este sacramento e o balssamo a boa fama que deue aver. E asy a materya deste ssacramẽto he a crisma» (p. 138).

Palmada: «Ha palmada que da o bispo em este sacramento se faz por quatro rrezõees. A premeira por que melhor sse acorde do sacramento. A segũda por que este sacramento he dado pera forteleza da ffe e que assy este forte nella que nom aja vergõça de a confesar e preegar ante todo omen. Ha terçeira por que ssygnifica que os apóstolos punham a maõ ssobre a cabeça. A quarta por espãtar o diabo, como fez Sam Bento, que liurou huũ monje do spiritu maligno com hũa palmada que lhe deu ssegundo se lee no dialogo de ssam Gregoryo» (p. 141).

Pano: «E o pano branco que lhe põee ençima da cabeça significa a coroa que lhe sera dada na gloria sse vençer os enmijgos ssuso ditos. E põese por que a crisma de que foy ungido non caya e quite» (*Ibidem*).

O Corpo de Deus, ou Eucaristia, que faz parte da cerimónia da missa, é, pela sua importância na vida eclesial, um dos sacramentos onde o autor mais se demora em descrições e explicações. São apresentadas explicações sobre a primeira parte da missa, desde a entrada do sacerdote e o beijar do altar, passando pelas orações iniciais, o glória, a colecta, a epístola, o aleluia e o evangelho, até ao credo. Entra-se depois na Eucaristia propriamente dita, onde a complexidade sgnica é evidente pela quantidade de pormenores descritos e explicados.

Segundo o autor, são quatro os símbolos principais sem os quais é impossível realizar-se o sacramento da Eucaristia ou do Corpo de Deus: o sacerdote, a hóstia, o vinho e a água. O sacerdote «rrepresenta a Jhesu Christo e ha hostia rredõda significa que Deus nem ha começo nen fin e rrepresenta o seu corpo, ho vinho seu sangue, a augua ho pouoo dos fiees christãaos» (p. 164).

Ao longo do ofertório e do prefácio até ao *sanctus*, o sacerdote, ou oficiante, serve-se de um conjunto de alfaias litúrgicas, diz as orações pré-estabelecidas e faz um conjunto de gestos rituais que representam com grande precisão determinada palavra ou gesto de Cristo. Porque é impossível sermos exaustivos, apresentamos apenas alguns exemplos daquilo que o autor se espraia em esmiuçar:

Corporais: «Os corporaees que estêde ençima do altar sobre que põee ho callez significa aquella uestedura de linho en que foy êvolto ho corpo de Jhesu Christo. E os corporaees que estan pregados e quadrados que põee sobre ho callez significa ho sodayro con que foy cuberta a cabeça de nosso senhor Jhesu Christo» (p. 164).

Hóstia: «E a hostia que poeem êçima dos corporaees sinifica que nosso saluador elle mesmo estabeleço este sacramento e ho deu aa ygreja que ho fezesse e guardasse. E ha cruz que faz significa que, asi como elle sse offeresço aa cruz, asi este sacrificio que se faz ã sua rrenêbrãça deue seer feyto cõ sinal de cruz. E a hostia que poem ençima da cruz do altar consagrado ou da ara sinifica que Jhesu Christo pose a sua carne na cruz» (p. 165).

Cálice com vinho e água: «E depois poeẽ ho calez cõ ho vinho e a augua emçima dos corporaees dizendo: Offerimus tibi calicem, etc., fazendo o signal da cruz e asentao ã maneyra que a

hostia este ãtre o saçerdote e o calez. E signyfica que nosso saluador he medeaneyro de Deus e dos homês. E segũdo esto, o saçerdote significa aho padre e a hostia ha Jhesu Christo, ha augua que esta posta no calez ao pouoo, que sen ser Jhesu Christo medeaneyro nom pudemos vijnr aho prazer da rresurrexçom, como quer que segũdo a rregra da ygreja de rroma poeẽ ho calez aa destra parte da hostia» (*Ibidem*).

Altar, ara e patena: «E do altar sobre que estende os corporaees significa a messa en que Jhesu Christo çeuo cõ seus diçipollos. E ha ara a cruz ou ho sepulcro. E ha patena ha vontade crara que deue aver o que faz este sacrafiçio. E ho saçerdote põee a patena de baixo dos corporaees ou a aparta da ara, a significar que ha vontade crara que os apóstollos tinhã fugio e se escondeo delles quamdo foy presso Jhesu Cristo» (*Ibidem*).

Beijar da mão: «E o beyjar da mão significa a rreformaçon da paz que he antre o homê e Deus, pero comũmente quando quer que algũa cousa dam ao que çelebra ou lhe dan algũa cousa, senpre lhe beyjan a mão, a demostrar que todo seruiço e toda rreuerença que he dada a Deus em cujo lugar elle esta deue ser por feruor de caridade, ha qual fee contem pello beyjar da mão» (pp. 164-165).

Lavar as mãos: «Despois que ho saçerdote ha rreçebida ha oferta e ten aparelhada ha hostia e ho callez cõ o uinho segundo he dicto, lauasse as mãaos, como quer que ante que se desuestisse as vesteduras pera çelebrar se deue lavar, por que mais limpamête possa ofereçer ho sacryfiçio a Deus. E significa que o que ha de fazer este sacrafiçio deue lauarsse e alimparsse sua cõçiência per lagrimas de pãdença. E deuesse lavar outra vez e quãdo se lava, deue estar aa destra parte do altar. E aa destra parte signyfica prosperidade e benaueturãça deste mũdo e a signistra ou contrairo» (p. 165).

O sacramento da Penitência, embora seja largamente tratado na obra, com cerca de cem páginas a ele dedicado, é o que contém menos explicações de âmbito semiótico, devido ao facto de ser, na sua administração, menos exigente do ponto de vista ritual.

Podemos encontrar uma explicação de âmbito semiótico na enumeração das várias partes da Penitência: A contrição, a confissão pela boca e a satisfação por obra. Segundo o autor, «estas tres partes son as tres jornadas que se leẽ na ley velha: faremos camynho de tres dias. Estas leuan o homen a gloria do parayso perdurauel e signyfica os tres mortos que Jhesu Christo rresuçitou» (p. 220). O primeiro morto «foy a filha do primcipe da signagoga que rresuçitou dẽtro na cassa e significa ho pensamẽto que homê ha dentro na vontade com ha qual he a contriçon» (*Ibidem*). O segundo morto «foy ho filho da viuua que rresuçitou aa porta da casa e significa ho pecado que homê faz pela boca que he a porta contra a qual he a confison» (*Ibidem*). O terceiro «foy San Lazaro que estaua no sepulcro e daua ja fedor e significa ha maa obra contra a qual he a satisfaçom» (*Ibidem*).

O sacramento da Extrema-Unção é, como diz Clemente Sánchez, «unguẽto material de oleo beẽto com coraçom de palauras polla qual ha enfermidade spiritual se esforça pera rreestir aos pecados, e a enfermidade corporal se esforça por uirtudes» (p. 331). Segundo o autor, este sacramento requiere três coisas substâncias: «a primeira he ministro que faça ùgimento, a ssegũda entẽçom, a terceira materia, a quarta forma, a qujnta logares çertos que deuem ser ùgidos» (p. 332). Os lugares que devem ser ungidos são partes do corpo que dizem respeito aos cinco sentidos: os olhos, as orelhas, os narizes, a boca e as mãos. São ungidos estes lugares «por que som freestas da morte e rrayzes do pecado» (*Ibidem*). Do ponto de vista simbólico pouco mais é dito.

O sacramento da Ordem Clerical é definido como «huũ sinal no qual he dado poderyo spiritual e ofiçio ao hordenado». Como os sacramentos e as virtudes, são sete as ordens eclesiásticas, quatro não sacras (hostiário, leitor, exorcista e acólito) e três sacras (subdiácono, diácono e sacerdote). É ao sábado que se deve celebrar o sacramento da Ordem, porque este dia significa «folgança, por representar que se ordena de orden sacra e sse quita dos trabalhos temporaees e passa aa folgança dos spirituaees».

Nas cerimónias da imposição das ordens de acólito, diácono e sacerdote, surgem alguns contextos com explicações de âmbito semiótico, de que destacamos os seguintes.

Ordem de acólito: «E o que recebe esta ordem despoys que he informado pello bispo como se deue auer em seu ofiço e o que deue fazer ho arçediago delhe huũ candieyro cõ huũ çiryo, a dar a entêder que he deputado pera eçender os çiryos quãdo sse lee o Euãgelho e consagra o corpo de Deus. Outrosi lhe da a anbola ou o uaso em que esta o uynho, a dar a eẽtêder que a de seruir e admynistrar o uinho pera a cõsagraçom do corpo de Jhesu Christo» (p. 340).

Ordem de diácono: «aos diachonos põe a estola sobre o honbro esquerdo e a rretorçẽ e teen de juso do braço dereyto, a dar a eẽtêder que os trabalhos que pasan nesta vyda presente que os sofrẽ na parte sinistra que he em este mũdo. E aa parte destra significa a uida perdurauel donde aueram folgança.»; «E este diachono ha por uestidura a de almatica que he çerquada, a dar a entêder que deue aprẽder pera buscar a rezom escondida da palaura de Deus» (p. 341).

Tonsura: «E a rasura que faz ençima da cabeça significa a limpeza que deue ser nas vontades dos que recebem a horden e que pella conparaçom dos beẽs tẽporaees non se embargue a contẽplaçom dos beẽs çellestiaees, ou os cabelos que sse cortan de suso daredor que nom embarguẽ a uista nẽ ho ouuir signyfica que deue ser cortados e tirados os pecados da vontade e da carne por que nom embarguẽ as vertudes do mynistro de Deus» (p. 337).

Corte da barba: «E nom somente os clerigos rapan as coroas, mas deuem rrapar as barbas por duas rrezões: a premeira por que assy como os cabelos das barbas naçem pella superfluidade dos homores do estamago, assy dos clerigos deuem tirar e rrapar as maldades que som en elles superfluas. A segũda que por humildade e ygnoçemçia pareçã aos meninos que nom teem barbas e ssejam ygalados aos amjos que sempre pareçem em ydade de moços» (p. 338).

O último sacramento tratado é o do Matrimónio. Neste destacamos dois objectos fundamentais para a consecução do sacramento: o anel que os noivos trocam entre si e o véu que a noiva leva sobre a cabeça.

Anel: «dyzem que huũ sabedor que chamaũ Protheus fez primeyramente huũ anel de ferro en sinal de amor e pos nele hũa pedra que chamã diamãte e di estabaleçeo a dar anel en arras aas esposas, porque asi como o ferro doma totalas coussas e he mais forte, asi ho amor vençe totalas coussas, e asi como ho adiamãte he pedra que nõ se pode quebrãtar, asi ho amor verdadeiro non se pode partir. E despois por tempo foy estabeleçido que en loguar destes anees de ferro fosen anees de ouro e que teuessen pedras preçiosas, por que asi como ho ouro he melhor que os outros metaees, asi o amor he melhor que os outros beẽs, e asi como ho ouro he mais fermoso pollas pedras preçiosas, asi ho amor do casamento he mais fermoso con as outras verdades» (p. 369).

Véu: «Ho veeo que poẽ aas esposadas ençima da cabeça he a dar a eẽtemder que deuen seer sempre subjectas a seus maridos e aa semelhança de rrabeca, que quando vyo a Isac seu esposo cubryose a cabeça. E o veeo mesmo que poen ha ella ençima da cabeça poen ha elle ençima dos ombros, a significar que o ajũtamẽto todo deue seer huũ e nõ deue corromper a ffe do casamemto. A parte branca deste pano que asi lhes poem significa a lympeza da vyda e a parte colorada significa ha geraçom que deles ha de desçemder» (p. 370).

4. Conclusão

No Livro II da obra *De Doctrina Christiana*, Santo Agostinho define signo como «uma coisa que, para além da impressão que produz nos sentidos, faz vir, em consequência, qualquer outra coisa ao pensamento»³, estando numa relação de substituição com a coisa significada. Esta definição, depois

³ Signum est enim res, quod praeter speciem quam ingerit sensibus, aliud aliquid ex se faciens in cogitationem venire» (*De Doctrina Christiana*, Livro II, cap. 1, par. 1).

da sua inclusão no livro IV das *Sentenças* de Pedro Lombardo, torna-se, diz John Delly, «o centro do que é, com efeito, "a alta semiótica" da era latina, isto é, a teologia sacramental como esta se desenvolveu depois de Agostinho de forma contínua até à actualidade» (1995: 24). Segundo o mesmo autor, Santo Agostinho começa «com distinções que estabelecem o ponto de vista semiótico e atravessa rapidamente o horizonte dos fenómenos semióticos pré-linguísticos, linguísticos e pós-linguísticos, mas apenas com a finalidade de limitadamente identificar o caso específico dos signos convencionais instituídos por Deus, nomeadamente, as palavras da Escritura e dos Sacramentos da Igreja» (*Ibidem*).

O autor da obra *De Doctrina Christiana* divide os signos em naturais e convencionais. Os naturais são os que involuntariamente significam e os convencionais são os que foram instituídos pelo homem com o fim de representar algo que não eles próprios. Por sua vez, os signos convencionais subdividem-se em próprios ou metafóricos. São próprios quando designam as coisas para que foram instituídos e metafóricos quando aquilo que se denomina com o seu nome serve para significar uma outra coisa (cfr. Fidalgo, 1999: 28). Os signos de carácter simbólico que o autor do *Sacramental* refere e explica na ritualização dos sete sacramentos poderão, nesta medida, ser classificados como signos convencionais metafóricos.

Clemente Sánchez de Vercial redigiu a sua obra no início do século XV, estando por isso dentro das concepções semióticas medievais que se enraízam no pensamento de Santo Agostinho e na sistematização posterior de Pedro Lombardo. Não é por acaso que o autor cita 14 vezes o Mestre das *Sentenças* e 57 o autor da obra *De Doctrina Christiana*.

Considera António Fidalgo que há dois aspectos que se destacam «na densa floresta de signos que o homem medievo habita» (1999: 29). Por um lado, «a pansemiotização é "selvagem" no sentido em que tudo é fala, e os significados são atribuídos de forma arbitrária recorrendo ao saber antigo e ao conhecimento enciclopédico das coisas – a regra que opera aqui é que as coisas visíveis, por semelhança, revelam as invisíveis» (*Ibidem*). Por outro, «tanto as atribuições de significado como as exegeses têm um fundamento teológico: o mundo é um conjunto de signos sabiamente dispostos pela mão de Deus e o homem seu intérprete» (*Ibidem*).

Bibliografia

- Agostinho de Hipona (1969). *De Doctrina Christiana*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid: La Editorial Católica.
- Carvalho, José Adriano de Freitas (1995). *Nobres Letras...Fermosos Volumes...: Inventários de Bibliotecas dos Franciscanos Observantes em Portugal no Século XV*, Porto: Faculdade de Letras.
- Deely, John (1995). *Introdução à Semiótica*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fidalgo, António (1999). *Semiótica Geral*, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Vercial, Clemente Sánchez de (2005). *Sacramental*, s.l.: Publicações Pena Perfeita. Edição de José Barbosa Machado.